

## A()TISTAS

Performances, sonhos, Amélie Poulain, a beleza das pequenas coisas e a reinvenção necessária de algumas narrativas sobre o autismo

Tania Alice

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

ORCID: 0000-0002-0213-0760

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40890

Queria que o mundo fosse macio  
Para girar em desequilíbrio  
Sem medo de me machucar  
E libertar, talvez assim,  
Os pássaros dentro de mim.

Ilus (2025:33)

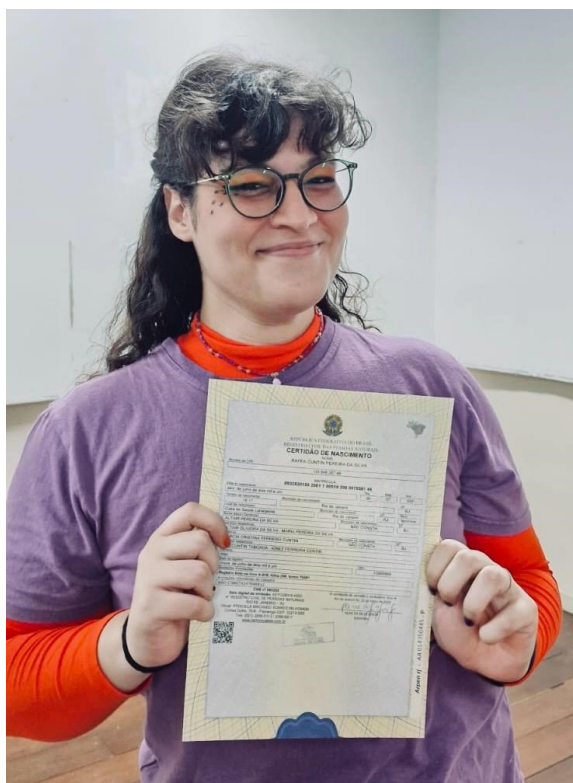
### Primeiro relato

Quarta-feira à tarde. Todo mundo está sentado no chão da sala de aula. Uma ansiedade feliz paira no ar. Dia das performances finais. Estamos na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, no prédio da Escola de Teatro, na sala 602, onde acontece o curso de *Atuação 6 - Performance* que ofereço a cada semestre para estudantes da Escola de Teatro. Ao longo de um semestre, com um grupo diverso de aluna/os, contamos nossas histórias, as transformamos em performances autobiográficas; aprendemos a criar performances relacionais, sociais, intervenções urbanas, fazemos derivas, desenhamos mapas psicogeográficos, inventamos objetos performativos e realizamos eco-performances na natureza. Aprendemos a criar uns com os outros, na diversidade e a partir da diferença.

A performance começa. Raffa Cuntin se arruma frente a um espelho, com cuidado e dedicação. Passa sombra, batom, delineador... Com calma, pede ajuda a uma pessoa da turma para colocar um colar e tira da bolsa uma certidão de nascimento novinha. Pega dois pompons prateados na mão e os sacode para celebrar a certidão. Se dirige até uma mesa, mostra a certidão para o público e traz um bolo,

com uma vela em formato de número três. A performer sopra a vela, que reacende três vezes. Distribui o bolo com um sorriso largo. Todas as pessoas presentes cantam parabéns. Comemora-se a data de nascimento verdadeira da artista, uma mulher trans que conseguiu finalmente ter suas documentações conformes.

A performance não oculta o sofrimento, mas não o deixa protagonizar. Nenhuma das violências diárias sofridas pelas pessoas trans é reiterada, nenhuma estatística ou cena de violência evidenciada. Todas elas, mesmo que não mencionadas, estão presentes – não como uma reiteração da violência patriarcal, mas como uma vitória da vida sobre aquilo que quer diminuí-la. A performance mostra a potência da artista em seu renascimento por meio de um convívio e de um viver juntos compartilhados. A performance é leve, corajosa, bonita e incita o público, em sua diversidade, a seguir.



Performance de Raffa Cuntin “Certificaram que eu nasci” (2025).  
Fonte: Arquivo pessoal.

## Segundo relato

Escrever sempre foi uma das minhas grandes paixões. Escrever me rouba do mundo e me oferece um universo sem tempo e espaço definidos. Escrever instaura uma bolha de sabão que não estoura e me confere a sensação de mergulhar em um livro delicioso, sem pressa de chegar ao fim ou então de entrar em uma sala de ensaio sem hora para sair. Escrevo sobre qualquer assunto, em qualquer estilo, para qualquer destinatário. Poesia, conto, reportagem, cartas, romance, ensaio acadêmico... Gosto de brincar com o mundo encantado das palavras, me perco nele e me sinto feliz.

Porém, por algum motivo, as palavras não estavam fluindo para a escrita desse texto. Sentia muitas dificuldades para encontrar o fio da escrita e me perdia no labirinto das ideias, tentativas e temáticas possíveis. Demorei para detectar que o problema era a letra “u”. A letra “u” me incomodava. Tirei o “u”, coloquei o “r” no lugar. Funcionava melhor, mas sentia que quando me atinha somente ao “r”, eu ficava fora do assunto. Tentei manter as duas letras, na forma de um parêntese no qual qualquer uma poderia caber. Tudo começou a fluir. Ser a()tista é encontrar na invenção de novas possibilidades e novos mundos um espaço onde não é necessário se explicar ou se justificar para ser quem se é.

Ser a()tista implica ter uma perspectiva deslocada do mundo em relação à uma visão padronizada – implica uma visão poética, sensível e questionadora de padrões, normas e hierarquias. Uma visão de criança curiosa, próxima à visão de uma pessoa estrangeira que viaja pela primeira vez por paisagens estrangeiras e fica curiosa de adivinhar as regras do jogo de se viver naquele país. Ser a()tista não implica um traço estético específico, nem uma temática particular, uma modalidade de ação, um comportamento específico ou a escolha definitiva de determinada linguagem. Ser a()tista é contextual, situado, relacional, variável, imenso. O diagnóstico de a()tista também não garante, nem justifica determinadas características, atitudes, comportamentos. Ser a()tista é se situar dentro de um mundo onde existe silêncio, poesia, música, e, em geral, plantas e animais – um tempo regido por espaços-tempos diferentes dos tempos e espaços padronizados. Um mundo onde se pode ser

poesia sem ter que se esforçar constantemente para aprender a falar em prosa, como escreve a cantora Ilus<sup>1</sup>.

Para todo a()tista, há uma sobrecarga provocada pela violência e pelos ruídos do mundo, um céu pesado e escuro que pesa nos nossos ombros, por vezes, mais do que eles conseguem suportar. O peso, porém, não é provocado pelo autismo em si mas sim pela inadequação do mundo em acolher a diferença. O peso também é gerado pelos ruídos infinitos que o mundo produz e que nos impede de ouvir o batimento de asas de uma borboleta, o decolar de uma joaninha ou o canto de um passarinho. Há peso porque há uma singela beleza com a qual o a()tista vê a beleza do mundo nas pequenas coisas. Há uma infinita delicadeza na intensa percepção sensorial, na capacidade empática, no ilimitado e inegociável senso de justiça. Há beleza nas intensidades vividas, no olhar questionador, na indagação de padrões e repetições. A disposição para estas pequenas belezas poderia ser suficiente para reconhecer a existência do ser a()tista, sem que seja preciso expor, necessariamente, as emergências, dificuldades, crises ou as crises dos seus filhos na *internet*, nos textos ou nas performances.

Em *O perigo de uma história única*, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie cita diversos exemplos que evidenciam como se constrói a imagem de determinada população no imaginário coletivo. A partir de suas próprias vivências, ela mostra como os estereótipos gerados por uma visão negativa sobre determinada população não são necessariamente falsos, mas se tornam a única verdade sobre aquela população, ocultando o resto. No texto, a autora dá o exemplo de quando escreveu um conto na Universidade nos Estados-Unidos e recebeu o retorno do seu professor de que o conto não era “típico” suficiente. O professor alegava que o conto não retratava a Nigéria que ele imaginava porque não reforçava os estereótipos que os Estados-Unidos tinham criado sobre a África ao longo do tempo, estigmatizando o país sem reconhecer as consequências nefastas da colonização.

---

<sup>1</sup> “Que inferno querer escrever em pra / Se tudo que sou é poesia / Poesia ninguém mais lê/ Sei lá se antes, alguém lia...” (2025:12)

Da mesma forma, para ser validado em determinado contexto, o a()tista pode se sentir obrigado a compactuar com os clichês e estereótipos ou com o comportamento que é esperado dele a partir do clichê do autismo estabelecido no senso comum: o de um autista menino, de nível de suporte 2 ou 3 em sofrimento, logo, em crise. Ele pode também se sentir obrigado a se desculpar por existir, já que as pessoas em volta percebem mais o seu próprio peso do que o peso da normalidade e da convenção que carregam.

Muitas vezes, a representação de autistas nas redes sociais, séries ou filmes força traços estabelecidos como característicos do autismo para poder se encaixar em uma história única, com foco no sofrimento ou na genialidade<sup>2</sup>. Para conseguir credibilidade, muitos a()tistas, após seus diagnósticos, se veem obrigados a performar e publicizar o sofrimento para serem acreditados naquilo que são. A criação dessa história única camufla as imensas potências sensíveis e imaginativas de todo a()tista. Como escreve Ilus, *“É preciso combater de forma direta e enfática a narrativa de sofrimento no autismo como discurso. (...) Para algumas pessoas, toda a ideia de felicidade e bem-estar de indivíduos autistas é combatida como “romantização do autismo”. (...) Preferem desmerecer autistas que conseguem se comunicar seja pela fala, seja por escrita, dizendo que seu autismo é levinho e deveríamos deixar de invisibilizar os autistas “graves”. E é claro que estão usando autistas que não conseguem se expressar verbalmente para continuarem seu processo de desumanização e lhes incutir a existência um sofrimento intrínseco à condição”* (2025:135 e 136)

Como escreve Chimamanda Adichie: “Quando nós rejeitamos uma história única, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar,

---

<sup>2</sup> De todas as séries com personagens autistas que assisti, destaco duas nas quais o personagem principal é retratado de forma positiva: “Uma advogada extraordinária” (2022), que mostra dificuldades, os hábitos mas também potências de uma advogada autista e “Étoile: a dança das estrelas” (2025), em que o personagem do coreógrafo Tobias possui uma sensibilidade e criatividade fora do comum, associada a outras questões ligadas ao espectro autista, sempre retratadas de forma a não camuflar ou mascarar a sua potência. Ambas as séries têm por mérito de evidenciar o imenso talento e paixão dos protagonistas pelos seus respectivos trabalhos e a sua aptidão, apesar das aparências, para o amor.

nós reconquistamos um tipo de paraíso” (2019: 60). Esse texto é um convite para perceber que este paraíso pode sim, ser habitado também por nós, a()tistas.



Quadrinho de André Dahmer.  
Fonte: *Internet*, 2025.

## Terceiro relato

Até hoje, fiz apenas uma performance abordando a questão do autismo. Talvez, por conta da dificuldade de realizar uma performance que não reitere clichês e estereótipos sobre o assunto, e que contemple a diversidade infinita do espectro. Talvez também por não me sentir obrigada a falar necessariamente sobre esse assunto. No ano de 2024, fui convidada pela a()tista Giovanna Salles, por meio do *Prêmio Funarte Retomada*, a participar de um evento inédito concebido por ela e intitulado “*Teato – Teatro e Autismos*”. O evento foi realizado em Curitiba e recebi o convite disparador de criar uma performance sobre o fato de ser a()tista.

Na ocasião do evento, que também contou com palestrantes convidados, discussões acerca de acessibilidade e uma programação de diversas performances, realizei a performance “Normal?”. Junto com Buda, o cão de suporte mais amável desse mundo, eu ficava sentada em uma mesa tentando montar um quebra-cabeça

com a palavra “Normal”, com a ajuda de transeuntes voluntários. Ao nosso lado, livros como *The Myth of Normal* de Gabor Maté e *Normose – a patologia da normalidade*, de Jean-Yves Leloup.

Montando o quebra-cabeça da normalidade junto com o público, ficávamos trocando sobre as nossas experiências pessoais e dúvidas. Ser direto na comunicação é anormal? Suportar luzes fortes e brancas ou barulhos altos é normal? Preferir plantas e animais a humanos, é anormal? Mentir para o outro é normal? Ter crises de choro diante dos ruídos do mundo é anormal? Nas conversas – e ao longo de todo evento – chegamos à conclusão de que não somente a normalidade não existe, mas de que, muitas vezes, pessoas “anormais” ou a()tistas são reguladores sensíveis que nos permitem perceber aquilo que está disfuncional dentro da sociedade.

Ao longo das conversas, fomos descontruindo o mito da normalidade e de sua funcionalidade, muitas vezes, desprovida de poesia. Em seu texto *“O amor como a prática da liberdade”*, bell hooks propõe uma perspectiva antirracista baseada no amor – perspectiva muito inspiradora também para quem se implica na luta anti-machista ou anti-capacitista, porque propõe uma auto-recuperação pessoal e política por meio do afeto e da imaginação.

Quando eu olho para a minha vida, procurando por um plano que me ajudou no processo de descolonização, de auto recuperação pessoal e política, sei que foi aprendendo a verdade sobre como os sistemas de dominação operam que ajudou, aprendendo a olhar para dentro e para fora, com um olhar crítico. A consciência é central para o processo de amor como a prática da liberdade. Sempre que aquelas/es de nós que são membros de grupos oprimidos se atrevem a interrogar criticamente nossas posições, as identidades e lealdades que informam como vivemos nossas vidas, iniciamos o processo de descolonização. Se descobrimos em nós mesmas/os auto-ódio, baixa autoestima ou um pensamento branco supremacista interiorizado e os enfrentamos, podemos começar a curar. Reconhecer a verdade de nossa realidade, tanto individual como coletiva, é uma etapa necessária para o crescimento pessoal e político. Este é geralmente o estágio mais doloroso no processo de aprender a amar — o que muitas/os de nós procuram evitar. Novamente, uma vez que escolhemos o amor, instintivamente possuímos os recursos interiores para enfrentar essa dor. Movendo inteiramente a dor para o outro lado, encontramos a alegria, a liberdade de espírito trazidas por uma ética do amor (hooks, 2019, texto corrido).



Por esse motivo, adaptar um evento para pessoas autistas, por exemplo, não significa somente tornar a experiência acessível para estas pessoas, para amenizar possíveis sofrimentos e impossibilidades; é também torná-lo mais agradável para a maioria das outras pessoas – pessoas com transtorno de ansiedade, pessoas com TDAH ou pessoas tristes... Em outras palavras: o a()tista é um termômetro sensível para avaliar intensidades, luminosidades, sons que, uma vez adaptados, se tornam muito mais agradáveis para todo mundo. Essa conclusão encontrada de maneira performativa pode ser um auxílio para estabelecer uma narrativa própria sobre nós, sem que o parâmetro da normalidade seja o de uma pessoa neurotípica.

Agora, um filme

*O fabuloso destino de Amélie Poulain* sempre foi meu filme favorito. Há quem diz que a personagem tem algo parecido comigo ou que tem algo meu parecido com ela. Talvez por conta da paleta de cores ou dos cabelos, talvez porque nós duas nascemos na França ou talvez – o que acho mais provável –, por conta das pequenas ações que Amélie faz secretamente para poetizar a vida das pessoas ao seu redor.

Amélie ama tornar a vida das pessoas mais feliz e, desta forma, restabelecer justiça, sem esperar por isso reconhecimento, fama ou dinheiro. O meu primeiro *insight* em relação a esse filme, dez anos atrás, foi que Amélie Poulain era performer. Todas as ações realizadas por ela no filme são performances relacionais, que pensam a relação como meio, principio e fim da ação artística (Bourriaud). Todas contêm um lado estético e lidam com a especialidade, abordam questões autobiográficas, trabalham elementos relacionais, se constituem a partir de derivas e até se configuram como intervenções urbanas. Por anos, achei que eu amava Amélie porque exercíamos a mesma profissão e compartilhávamos intuitivamente uma mesma maneira de se situar no mundo.

O meu segundo *insight* importante sobre filme foi recente: após ter visto o filme uma vigésima vez, cheguei à conclusão de que existia uma grande probabilidade de Amélie Poulain ser autista. É obviamente impossível realizar um diagnóstico de autismo sem uma equipe multidisciplinar e uma demorada avaliação



neuropsicológica, e é obviamente mais impossível ainda realizar o diagnóstico da personagem de um filme. Mas... a sensorialidade apurada da personagem, sua dificuldade de se relacionar segundo convenções e moldes impostos, sua idealização e fuga diante do outro, sua genuína empatia por todo mundo, seu senso de justiça e seu desejo de melhorar a vida dos outros são traços que poderiam confirmar o meu diagnóstico amador da personagem.

Percebi, inclusive, que muitos a()tistas se identificavam muito com o personagem e que existiam dezenas de artigos na *internet* com a teoria de que Amélie Poulain seria a()tista. Diagnosticada ou não, a()tista ou não, o que importa, é que Amélie enxerga a beleza do mundo nas pequenas coisas e encontra a sua utopia cotidiana na invenção de pequenas coisas para tornar os outros mais felizes, gerando reverberações.



Foto do filme Amélie Poulain.  
Fonte: *Internet*, 2025.

Por fim, a Fábrica de Sonhos



12

A Fábrica de Sonhos realizando o sonho de Giovanna Solpin: ter uma sensação de liberdade.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A *Fábrica de Sonhos* é um projeto artístico que iniciei logo depois da pandemia e que transforma a sala de aula de uma universidade pública em um espaço de criação coletiva e utópico, para que as pessoas voltem a sonhar. Toda semana, a *Fábrica de Sonhos* realiza o sonho da vida de uma pessoa da turma. A equipe da Fábrica, composta por aluna/os bolsistas, voluntária/os e estagiários de docência, visa um encantamento coletivo, um campo de reinvenção constante, uma outra lógica de criar e estar juntos.

Ao operar na intersecção entre arte, educação e política do sensível, a *Fábrica* propõe uma ruptura com a lógica produtivista contemporânea, valorizando o encantamento e a criação colaborativa. A *Fábrica* acontece dentro da disciplina optativa *Treinamento para o performer*, ofertada por mim na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).



A Fábrica de Sonhos realizando o sonho de Clarice Pitanga: descobrir os segredos da natureza.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Ao realizar sonhos, o curso oferece um treinamento de funções envolvidas para a criação e a produção das performances – desde a concepção até a realização, passando pela criação de figurino e cenografia, caracterização, criação dramatúrgica, concepção e redação de programas performativos, construção de arquivos fotográficos, elaboração de um *e-book*, composição musical, entre outros. O processo criativo é estabelecido de forma solidária, lúdica e onírica. O impacto da experiência projeta-se para além do momento da realização. Como testemunha, um dos sonhadores: *“Meu sonho maior mesmo seria poder ver aquelas pessoas pra sempre com aquele sorriso no rosto”*.

A *Fábrica de Sonhos* é uma utopia gigante, um sonho pautado pelo desejo de construir um empenho coletivo em prol do encantamento. Tenho certeza de que, se eu não fosse a()tista, esse projeto, como tantos outros que realizei ao longo dos anos,

não existiria<sup>3</sup>, pois nasce de um sentimento de inadequação com o mundo e de um desejo compartilhado de torná-lo mais justo, onírico e poético.



A Fábrica de Sonhos realizando o sonho de Raibolt: ser a noiva de um desfile pós-apocalíptico.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Afinal, chegando a um novo início

Ser a()tista não significa necessariamente expor e reiterar narrativas de sofrimento nas práticas artísticas, redes sociais e conversas ou comprar um discurso capacitista que gosta de nos ver infelizes, em crise ou sofrendo. Isso, no intuito de legitimar uma “normalidade” que tanto adocece, tolhe liberdades e estabelece no mundo convenções sem sentido ao invés de repensar essa “normalidade” adoecedora de todos.

---

<sup>3</sup> Para conhecer mais trabalhos artísticos, acesse: [www.taniaalice.com](http://www.taniaalice.com). Último acesso: 28 jun. 2025.



Todo a()tista pode, em qualquer situação da vida a()tística, expressar suas questões, utopias e transbordamentos livremente. Se acolhidas com cuidado, a sensibilidade e a intensidade da percepção sensorial do a()tista podem contribuir para tornar os espaços e tempos mais aconchegantes, criativos e utópicos. Isso, não somente para outros a()tistas, mas também para não-a()tistas.

Com sua sensibilidade atípica, a()tistas podem amenizar o peso da realidade, inventar mundos, estabelecer tempos infinitos de delicadeza e brincadeira. Encantar-se com a beleza das pequenas coisas é contagioso. A *Fábrica de Sonhos*, com seus quase 80 sonhos realizados, é um exemplo que nos mostra que é possível inventar outras possibilidades para os sonhos que minguaram ao longo do tempo ou que nunca tiveram espaço para florescer; é possível se empenhar coletivamente em uma utopia coletiva e, assim, constatar semanalmente que “a vida presta”. Dessa forma, o fabuloso destino se torna não somente o de Amélie, mas o de todo a()tista que se contrapõe à narrativa única estabelecida exclusivamente a partir do sofrimento e decide transformar a sua existência e a das pessoas que o cercam em poesia.

## Referências bibliográficas

### Livros

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALICE, Tania; MONSALÚ, Fabiana. *Arte relacional no Brasil – o que se faz, o que se come*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2021.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

hooks, bell. *O amor como a prática de liberdade*. Disponível em: <https://medium.com/enugbarijo/o-amor-como-a-prática-da-liberdade-bell-hooks-bb424f878f8c>. Último acesso: 1 maio 2025.

LELOUP, Jean-Yves. *Normose: a patologia da normalidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MATÉ, Gabor; MATÉ, Daniel. *The Myth of Normal*. New York: Avery, 2022.

SOUZA, Ilus Eugênio de Souza e HARTWIG, Mayck. *A quem pertencem as palavras? Uma discussão sobre disputas de narrativas sobre o autismo e a manutenção das opressões*. Rio de Janeiro: Oxente, 2025.

## Filmes e séries

JEUNET, Jean-Pierre. *O fabuloso destino de Amélie Poulain*. 2001. Disponível na Netflix.

MOON, Ji-Won. *Uma advogada extraordinária*. 2022. Disponível na Netflix.

SHERMANN, Amy. *Étoile: a dança das estrelas*. 2025. Disponível na Prime Vídeo.